

## TIAGO DIAS EXPÕE NO CASULO

Jovem artista de 18 anos, o Tiago, que já participou na exposição colectiva realizada em Dezembro de 87 vem agora, através desta mostra individual, divulgar o seu trabalho, talento e gosto pela arte. E, nada melhor do que o próprio artista para falar do que sente e do que faz...

### "A COR

Apercebo-me que as formas não são tão singulares quanto aparentam, a pluralidade da sua existência comunica-nos a recriação entre as cores que contrastam.

Cores fortes, vivas, que morrem na terra; terra que vive nas cores feitas.

Quando, com quinze anos me iniciei para o

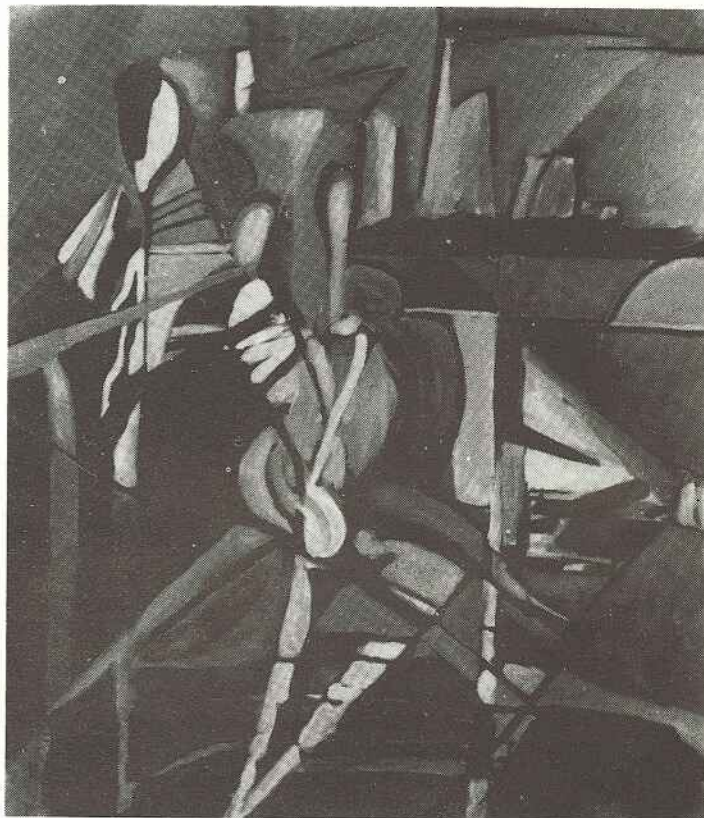
desenho, inconscientemente, me sublinhei; pela incerteza e pelas coisas belas.

Aos 17 anos descobri que a terra e o mundo era colorido e pintado; mas só percepcionava nele a própria terra; era o passado que enquadrava e enquadrava na imagem os tons do momento.

Aos 18 e neste ano lectivo ingressei no curso CIESA da COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS - "ÁRVORE" II, e, em trabalho e telas embrulhadas, vivi as cores com a sua força; implorei por elas mas regresssei faminto.

As cores essas entre vermelhos, laranjas e azuis, são puras; e, assim, as tento aplicar.

Entre um mundo normal e o infinito situa-se a interrelação de ambos; é aí que me tento situar".



Muitos lhe gabaram os méritos. Muitos o cortejaram. Muitos o invejaram e caluniaram, como os que diziam que ele punha ao serviço da Literatura a pouca Medicina que sabia.

"Ele" era Júlio Dantas, aluno do Colégio Militar, como o foram os seus amigos Pereira Coelho e André Brun (o primeiro, Oficial com uma carreira brilhante, jornalista cujo talento o dispersou por diferentes campos de actividade e que formou, com Augusto de Castro, uma "du-pla" impar, na Direcção do "Diário de Notícias"; o segundo também Oficial, combatente da Primeira Grande Guerra, distribuiu o seu talento por peças de teatro, por contos, por crónicas, onde a comicidade irresistível vinha sempre ao de cima. Sarcástico de natureza, nem a ele próprio poupava. Dizem que, no seu leito de morte, foi procurado por alguém, que lhe teria perguntado: "então como vais, André?" Ao que Brun teria respondido: "como queres que vá? De fato preto e de sapatos de polimento").

Na fulgurância do seu espírito, esses quatro homens – Júlio Dantas, Augusto de Castro, Pereira Coelho e André Brun – permanecerão vivos na história da intelectualidade portuguesa da primeira metade do século XX.

Quanto a Júlio Dantas, ele não pôs ao serviço da Literatura a "pouca" Medicina que sabia, porque, por um lado, foi Oficial-médico do Exército, após a sua formatura na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa; por outro, a Medicina nada teve a ver com a Obra que realizou e que o tornou figura proeminente dentro e fora do País. Mas, de facto, como orador, dramaturgo, poeta, cronista, historiador e jornalista ficou a ser conhecido, através de actividades que o levaram a percorrer caminhos distantes, fossem o estudo, a diplomacia ou a política. Doutorada pela Faculdade de Letras de Coimbra, seria exaustivo enumerar quantos cargos desempenhou, quantas tarefas cumpriu, quantas vezes foi chamado para missões delicadas e honrosas. Senador, deputado, procurador à Câmara Corporativa, quatro vezes ministro, presidente do antigo Partido Nacionalista, membro da Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, mundialmente distinguido pelo seu conhecimento de toda a problemática da Comissão Internacional dos Direitos de Autor, sócio de mérito e presidente da Academia das Ciências de Lisboa (que reestruturou e ajudou na sua acção cultural e no estreitamento de relações com outras Academias, especialmente a Brasileira de Letras), inspector superior das bibliotecas e Arquivos durante 34 anos, constituem, apenas, alguns dos marcos mais assinaláveis da sua carreira.

"Como não podia deixar de ser", o autor de "A Ceia dos Cardeais" mantinha estreitas relações de amizade com José Malhoa. E a ele se referiu, quer em termos de intensa admiração, quer reproduzindo conversas travadas entre os dois, quer relatando episódios de que o Mestre fora protagonista. Episódios frequentemente ligados a Figueiró dos Vinhos, às gentes desta Vila, nas suas indezincrasias, nos seus hábitos, na simplicidade do seu quotidiano.

Assim nos decidimos por publicar um dos seus textos que Júlio Dantas escreveu sobre José Malhoa, escolhendo aquele que, em nossa opinião, melhor revela a maneira de ser do povo figueiroense de então.

M. S.

## O Painei das Almas

Há tempo, Malhoa, o naturalista vigoroso dos "Bêbados" e dos "Oleiros", o mestre-pintor que melhor tem interpretado na sua obra o povo português, contou-me, a um canto do confortável atelier da Alegria, entre arraiolos azul e uma credência doirada, algumas curiosas anedotas da sua vida de artista. Vale a pena vulgarizá-las, porque elas constituem uma expressão feliz daquele espírito de orgulhosa independência e de amorável simplicidade que nós todos admiramos no carácter e na obra do grande pintor.

Como se sabe, Malhoa, em cuja arte palpita o sentimento fraterno dos humildes, passa muitos meses do ano na sua casa de Figueiró dos Vinhos, em contacto íntimo com a vida do povo e com a alma da natureza, os estremenhos fortes e curtidors de sol dêsse rincão de vinhedos são os seus modelos predilectos.

Para melhor os compreender e os interpretar, vive com eles, confraterniza com eles, procura identificar-se com o seu sentimento e com a sua existência, acompanha-os no campo e na adega, na horta e no lar, estuda-os tão minuciosamente e tão demoradamente, que cada um dos seus quadros, flagrante de observação e de vida, é mais do que uma maravilha de pintura, – é um documento etnográfico, é uma síntese humana. Recebido a princípio com hostilidade pelo povo de Figueiró, quando no alto dum monte fez parar um padre que conduzia o Viático, para apontar rapidamente o efeito duma sobrepeliz, ao idolo da terra, quasi o senhor dela, e a mesma gente barbara e bondosa, que ainda ontem brandia sobre os cajados ameaçadores, descobre-se agora à sua passagem, derrubando até aos joelhos o barrete de lã verde num sorriso mais do que de amizade – de respeito e de orgulho:

– Salve-o Deus, Senhor Malhoa!

Eles não o entenderão; a sua rudeza não perceberá o que há de belo num quadro do mestre; só vagamente a sua sensibilidade reagirá perante dramatizados fortes, como o "Emigrante" ou o "Senhor-Fora"; e, entretanto, em todo esse pequeno povo, gente selvagem, húmus primitivo, terra e suor, coração, e enxada, há a intuição, a percepção confusa de que Malhoa o está fixando para a imortalidade. Hoje, o grande pintor não tem dificuldades de modelo, nem mesmo para a execução das suas grandes composições. O seu modelo está em volta dele, em toda a parte, à primeira voz, solícito, e pronto. Um homem ruivo, de colete vermelho e largos safões de couro tanado, ceifa, às labaredas do sol, curvado sobre uma leira de trigo maduro; Malhoa quer apontar aquele trecho de movimento e de

cor; todo o trabalho da sega se suspende até que o mestre, rodeado desses Hércules sombrios da terra, arme o seu cavalete e conclua a sua mancha. Um dia, uma procissão passa, num colorido formigueiro de opas e de jalecas de briche, estrelejando foguetes, chispando pálios, clagorando metais. O pintor vê-a caminhar para ele, tem a visão súbita dum quadro, quer marcar, na perspectiva, o tamanho das figuras, atravessa-se na estrada, grita "Alto!": como por encanto a procissão pára, os andores descansam, cala-se a música, o padre sorri, – e Malhoa, rápidamente, nervosamente, diante dum povo inteiro que presta ao seu génio a homenagem do silêncio e da imobildade, traça o primeiro carvão duma das suas obras primas. O mesmo sucede nas feiras, nas romarias, nos mercados onde tudo se aquieta, tudo se suspende, tudo pára, – vendas, sermões, namoros, bailaricos, – "para o Senhor Malhoa pintar". Só uma vez o grande artista se lembra de ter encontrado uma resistência: quando pediu a um moleiro de Pedrógão que lhe emprestasse a burra para modelo, – uma jumentinha ruça, bíblica, com atafais novos e patas ligeiras de fauno, que parecia modelada em barro para um presépio de Machado de Castro. O homem estremeceu, rolou o sombreiro nas mãos, e não quis que Malhoa pintasse a burra.

– Mas porquê?

– Pode o animal ter aí uma dor, e para que há-de a gente estar com questões?

– Mas – insistiu o mestre – eu também pintei o retrato do seu filho e da sua mulher, e não lhes fêz mal nenhum.

– Deixá-lo! O meu filho e a minha mulher não me custaram dinheiro; e a burra custou-me quinze moedas.

Por fim, lá o convenceu, e a jumenta do moleiro anima hoje, com o seu albardão mourisco de volta em meia-lua, uma das mais belas paisagens de Malhoa. Nunca o seu justo orgulho de artista se sentiu maltratado por um homem do povo; e algumas vezes o foi por gente de dinheiro e de camisa lavada, que ainda agora confunde, como o Capitão-mór de Pinheiro Chagas, a pintura dum quadro com a dum portão de quinta. Foi ainda saboreando o prazer da reprimenda com que o castigou, que o mestre admirável da "Varanda dos Rouxinóis" me referiu a caso de certo comendador, que lhe entrou um dia pelo atelier, de chapéu na cabeça, sujando os tapetes de lama:

– Senhor Malhoa, eu quero que o senhor me pinte o retrato.

– Ah! O senhor quer?



### UMA QUELHA EM FIGUEIRÓ

– Quero. Qual é o seu preço?  
– Um conto de réis, se o pintasse. Mas não pinto.  
– Ora essa! Porquê?  
– Porque não posso.  
– Dou-lhe dois contos.  
– Impossível.  
– Dou-lhe três! Dou-lhe seis contos! Dou-lhe o que o senhor quiser!

– Inútil. Tem de ir bater a outra porta.  
– Mas porque é que o senhor Malhoa se recusa a pintar o meu retrato, faz favor de me dizer?  
– Porque não gosto da sua cara – concluiu o pintor, risonho, indicando-lhe amavelmente a porta.  
Mas a mais interessante de todas anedotas que o grande naturalista dos "Oleiros" me

contou, é, sem dúvida, a do "painel das almas". Uma bela manhã, em Figueiró, estava ainda Malhoa, com as senhoras, em volta da mesa do almoço, quando a criada anunciou o irmão do regedor de Bairrão, que insistia em falar ao artista. Mandaram-no entrar. Era um homem de quarenta anos, cara de páscoa, tisonado do sol, jaleca de saragoça, polaina, varapau, um barrete vermelho de campino a rolar nas mãos felpudas:

– Ora com sua licença!

O mestre perguntou-lhe o que queria. O homem coçou na cabeça, enguliu em seco, olhou em volta das senhoras, gaguejou, riu, e acabou por dizer:

– Vossemecê é que é o Senhor Pintor Malhoa?

– Sim senhor. Que é que você quer?

– Queria saber quanto vossemecê leva por pintar umas alminhas do Purgatório para a esmoleira da estrada.

E, lanzudo, desconfiado, hesitante, a face curtida a arrepelar-se num tique nervoso, o zambujo ferrado de estaca no sovaco, contou que fizera aquela promessa às almas se não lhe morressem dois bois que andavam doentes. O barbeiro da terra tinha-lhe pintado um painel por oito tostões – um rôr de dinheiro! – mas não estava obra acabada. Fôra então o irmão do regedor se lembrara de encomendar a obra ao Senhor Malhoa, que por muito mal que a fizesse – dizia ele – sempre a havia de fazer melhor. O artista ouviu, acabou de enrolar o cigarro, e, perante o assombro da sua esposa, disse ao homem que aceitava a encomenda do painel e que dali a oito dias viesse buscá-lo.

– E quanto é que custa?

– Isso, nós veremos depois.

Passada uma semana o irmão do regedor de Bairrão, de calça nova e pescoceira branca domingueira, bateu à porta, entrou, estacou de boca aberta diante dum painel das almas que era uma maravilha, (Malhoa pintara-o com todo o seu talento, sem lhe tirar o sabor da ingénua imaginária popular), e, coçando com ambas as mãos na cabeça chamorra, destampou, aflito:

– Valha-me o senhor Santo Cristo, que isto ainda vai para cima de oito tostões!

O artista tranquilizou-o. Não era nada. Ofereciam ambos aquele presente às almas do Purgatório. O pobre homem, com o suor do júbilo a empastar-lhe os cabelos da testa, riu, chorou, dançou, travou do painel, embrulhou-o na manta que trazia, e à saída, abraçando respeitosamente o pintor, disse-lhe a meia-voz, para as senhoras não ouvirem, estas palavras que eram a expressão suprema da sua gratidão:

– Ó Senhor Malhoa, venha daí beber um copo de vinho!!

E aqui têm como, na pobre estrada de Bairrão, à poeira e ao sol, se está perdendo um retábulo que é a obra carinhosa de um dos príncipes da pintura portuguesa contemporânea,

In "Abelhas Doiradas" (1920)

## viagem ao alto alentejo

Província singular e rica pelos valores culturais e patrimoniais que encerra, o Alentejo constitui o alvo da próxima viagem organizada pelo Centro e que terá lugar no final do mês de Maio.

Marvão e Castelo de Vide são duas das localidades do Alto Alentejo que testemunham essa riqueza e que merecem ser visitadas e apreciadas pela beleza e unidade arquitectónica que possuem, constituindo verdadeiros exemplos da arquitectura tradicional desta zona alentejana.

Quem quiser conhecer esta aprazível região poderá inscrever-se na Sede do Centro Cultural e habilitar-se, assim, a uma agradável viagem e a um dia diferente e divertido.

## o gaac visitou figueiró dos vinhos

O Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC) de Coimbra visitou no passado dia 19 de Março Figueiró dos Vinhos e o seu Concelho a convite do Centro Cultural.

A representação desta Associação constituída por 55 elementos, de entre os quais se destaca o Dr. Mário Nunes seu Presidente, foi recebida no jardim do Casulo onde foi proferido um discurso de boas vindas pelo Exmo. Presidente da Assembleia Municipal Senhor Aquiles Almeida Morgado e onde se procedeu à troca de lembranças entre as duas Associações.

Após a recepção e a visita ao Casulo iniciou-se a viagem pelos locais bastante aprazíveis do Concelho, tais como, Foz de Alge (Ferrarias), Vale Bom, Arega e Cabeço do Peão.

Após o almoço serviço no restaurante "O Solar" que contemplou dois pratos típicos da região, trutas grelhadas e rancho à moda de Figueiró, e que foi do agrado de todos, procedeu-se ao passeio pelas ruas mais características do Centro Histórico da vila com a necessária paragem nos locais e edifícios mais notáveis.

Esta visita culminou com uma merenda servida no Casulo que contou com a participação da Filarmónica Figueirense,

do Grupo Coral Deus Menino e do jovem Miguel de 8 anos que a todos alegrou e entusiasmou com as suas actuações.

## viagem à serra da estrela

Reunindo 55 alegres convivas, realizou-se no dia 29 de Março mais uma viagem à serra da Estrela que foi do agrado de todos e que reunindo pessoas de todas as idades, decorreu de uma forma animada e divertida contribuindo, para uma maior aproximação entre o Centro e os seus Associados.

## aprende a jogar xadrêz

O Centro Cultural em colaboração com a DGD de Leiria e integrado no Programa "Férias Desportivas / 88", promoveu de 28 de Março a 10 de Abril a acção "APRENDE A JOGAR XADRÊZ".

Esta iniciativa, contou com a adesão de 33 jovens e constituiu um verdadeiro êxito.

Diariamente, durante as férias da Páscoa, o Casulo foi animado pela irreverência e alegria duma juventude que se mostrou encantada com os primeiros "passos" no mundo do xadrêz.

Dado êxito desta iniciativa, o Centro Cultural vai promover nas férias de Verão as I MINI OLIMPIADAS FIGUEIROENSES.

## o centro nas comunidades europeias

Foi apresentado pelo Centro na Comissão das Comunidades Europeias em Bruxelas, um projecto integrado no Programa "Passage des Jeunes de l'Ecole à la Vie Active".

O Projecto de animação cultural a implantar no Concelho tem entre outros objectivos, a valorização das estruturas locais, pesquisa de conhecimentos, sua promoção e divulgação, bem como a participação em acções de interesse comunitário.

A acção decorrerá num período de seis meses e orçará em três milhões de escudos.

## centro cultural revitalizado

A recuperação do Casulo, sede do Centro Cultural é hoje uma realidade. Este notável edifício de estilo arquitectónico muito característico é hoje motivo de orgulho e de admiração de todos os Figueiroenses.

O Anfiteatro a construir nos terrenos anexos (para o qual já existe projecto) será em breve uma realidade.

A aquisição de equipamento para o velho Chalet de Malhoa é agora uma necessidade.

A Biblioteca e a sala da Direcção, no 1º andar, já possuem estantes e móveis de apoio à vida do Centro.

Todas as divisões, já possuem candeeiros de iluminação, devidamente enquadrados na rusticidade do ambiente.

O Velho portão de finais do século passado, instalado recentemente tornou ainda mais atrativo, este belo recanto onde o Mestre viveu.

Visite o Casulo, leve um amigo e admire a obra que Malhoa criou.

O Centro Cultural espera por si.

VISITE  
O CENTRO  
CULTURAL  
•  
INSCREVA-SE  
COMO  
SÓCIO



Boletim Informativo do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos

Casulo, Av. José Malhoa  
Apartado 29 3260 Fig. Vinhos

Impressão: Oficinas Ribeira de Pera Lda.

Tiragem 1.500ex.  
Bimensal  
Distribuição Gratuita